

## A ESCALA DE DECOLONIALIDADE PARA ESTUDOS EM ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO (EDEOC) E O ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS COLONIZADORAS<sup>1</sup>

### THE SCALE OF DECOLONIALITY FOR KNOWLEDGE ORGANIZATION STUDIES (EDEOC) AND CONFRONTING COLONIZING VIOLENCE

Dirnéle Carneiro Garcez<sup>2</sup>  
Rodrigo de Sales<sup>3</sup>

**Resumo:** Este estudo visa analisar como as publicações do Grupo de Trabalho 2 (GT 2) - Organização e Representação do Conhecimento - da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) têm abordado a violência epistêmica e as lógicas colonizadoras no campo da Organização do Conhecimento (OC). A investigação realiza uma avaliação crítica das publicações do GT que tratam do enfrentamento do processo colonizador dentro da OC. Para tal, foram examinadas as publicações do GT 2 nas últimas dez edições do ENANCIB, com o intuito de identificar como o grupo tem articulado a necessidade de combater as lógicas colonizadoras na representação e organização do conhecimento. Utilizou-se a Escala de Decolonialidade para Estudos em Organização do Conhecimento (EDEOC) como ferramenta analítica para avaliar os elementos verdadeiramente decoloniais dos estudos. Os dados indicam variações no volume de estudos voltados ao enfrentamento da violência colonizadora ao longo dos anos, revelando que, embora os estudos sejam decoloniais, carecem de uma análise crítica mais aprofundada e teórica relacionada às contranarrativas decoloniais.

**Palavras-Chave:** decolonialidade; escala de decolonialidade; organização do conhecimento; produção científica.

**Abstract:** *This study aims to analyze how the publications of Working Group 2 (WG 2) - Organization and Representation of Knowledge - of ANCIB have addressed epistemic violence and colonizing logics in the field of Knowledge Organization (KO). The research conducts a critical evaluation of WG 2's publications that deal with confronting the colonizing process within KO. To this end, publications from WG 2 in the last ten editions of ENANCIB were examined to identify how the group has articulated the need to combat colonizing logics in the representation and organization of knowledge. The Decoloniality Scale for Knowledge Organization Studies (EDEOC) was used as an*

<sup>1</sup> Texto submetido, avaliado, aprovado, apresentado e premiado no ENANCIB/2023.

<sup>2</sup> Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC). E-mail: [dirnele.garcez@yahoo.com.br](mailto:dirnele.garcez@yahoo.com.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3061-9352>.

<sup>3</sup> Doutor e Professor Associado do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC). E-mail: [rodrigo.sales.s@gmail.com](mailto:rodrigo.sales.s@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8695-9807>.

*analytical tool to assess the truly decolonial elements of the studies. The data indicate variations in the volume of research focused on confronting colonizing violence over the years, revealing that, although the studies are decolonial, they lack a deeper and more theoretical critical analysis related to decolonial counter-narratives.*

**Keywords:** decoloniality; decoloniality scale; knowledge organization; scientific production.

## 1 INTRODUÇÃO

O campo teórico da Organização do Conhecimento (OC), cuja definição ainda carece de consenso, é descrito por Sales (2017) como um campo que a comunidade científica, tanto nacional quanto internacional, ora vê como uma subárea da Ciência da Informação, ora como um campo de estudo independente que ocasionalmente interage com a Ciência da Informação. Em uma abordagem mais radical, Dahlberg (2006) considera a OC uma nova ciência, com uma perspectiva essencialista e definidora, responsável por estruturar conceitos com base em suas características.

Apesar da falta de um consenso definido, que revela a pluralidade e diversidade do debate, consideramos a Organização do Conhecimento (OC) como um campo investigativo autônomo, com importantes conexões com a Ciência da Informação, que precisa urgentemente enfrentar o processo colonizador do conhecimento e sua estruturação opressiva.

Dentro da OC, diversas pesquisas buscam abordar o processo colonizador historicamente voltado para a organização do conhecimento. Exemplos incluem a análise do protagonismo do binômio semelhanças-diferenças centrado na cultura ocidentalizada (Olson, 2001), a crítica à hierarquização dos conhecimentos (Olson, 2004), a investigação da violência classificatória (García-Gutiérrez, 2007), a organização do etnoconhecimento (Miranda, 2007), o compromisso ético na representação do conhecimento relacionado à homossexualidade (Pinho, 2010), a denúncia de preconceitos raciais e de gênero em sistemas de classificação (Howard; Knowlton,

2018; Silva; Garcez; Sales; Saldanha, 2021), e o esforço para desracializar os esquemas de classificação (Furner, 2007), entre outros.

Dessa forma, observamos que o enfrentamento das lógicas colonizadoras, que causam violências epistêmicas e injustiças sociais na OC, tem sido abordado de várias maneiras ao longo dos anos. Muitos conhecimentos provenientes de diferentes culturas, crenças, etnias, sexualidades, grupos populacionais, línguas e costumes são marginalizados quando não são formalmente representados em teorias, instrumentos e processos (Garcez; Sales, 2021). Para fomentar o debate sobre a pluralidade de conhecimentos na OC, é essencial adotar uma abordagem decolonial, mesmo na ausência de termos específicos como decolonialidade, descolonização, pós-colonização ou anticolonização.

Dessa forma, diante do contexto, partimos do questionamento: como as pesquisas realizadas no GT 2 têm abordado as violências epistêmicas e as lógicas colonizadoras na OC? Esta pesquisa visa analisar criticamente as publicações do GT 2 - Organização e Representação do Conhecimento, com enfoque naquelas que enfrentam o processo colonizador. O estudo examina as publicações do GT 2 das últimas dez edições do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB - (2012-2022), identificando como o grupo tem promovido o combate às lógicas colonizadoras na representação e organização do conhecimento. Utilizou-se a Escala de Decolonialidade para Estudos em Organização do Conhecimento (EDEOC) para avaliar o nível de envolvimento com o debate decolonial. A EDEOC é uma ferramenta analítica usada para avaliar a representatividade e a diversidade epistêmica, cultural e linguística em estudos e recursos informacionais, considerando os instrumentos e conceitos aplicados. Ela foi desenvolvida para explorar as interseccionalidades entre opressões epistêmicas e sociais, integrando pensamento intercultural e decolonial com as escalas mencionadas na seção anterior (Garcez; Sales,

2023).

Assumimos a ideia de que existem duas perspectivas decoloniais em OC, sendo elas: a decolonialidade restrita, que utiliza conceitos do Norte Global para analisar questões no Sul, e a decolonialidade sul-sul, que se baseia em epistemologias do Sul Global para tratar problemas na América Latina. Ambas visam superar a hegemonia do Norte Global na produção de conhecimento do Sul e promover uma visão crítica e emancipatória. A abordagem sul-sul, desenvolvida por pesquisadores latino-americanos, busca não apenas criticar a colonialidade, mas também contribuir para a produção de conhecimento que inclua comunidades historicamente marginalizadas.

A investigação revelou como os pesquisadores do GT 2 têm incorporado práticas decoloniais, mesmo sem explicitá-las terminologicamente, e avaliou o impacto dessas pesquisas no desenvolvimento de uma perspectiva crítica e decolonial na OC. O objetivo é dar visibilidade a essas práticas e fortalecer abordagens críticas e diversificadas na área, desafiando práticas hegemônicas e excludentes e afirmando a OC como uma área comprometida com a justiça social.

## **2 DAS QUESTÕES CONCEITUAIS DA DECOLONIALIDADE AOS DESAFIOS PRÁTICOS NA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

A busca por novos paradigmas tem sido um fator crucial no avanço das investigações epistemológicas na Ciência da Informação. Esse crescimento vai além do desenvolvimento científico e da criação de programas de pesquisa, refletindo também o suporte institucional e o engajamento crescente da comunidade científica, resultando em contribuições qualitativas mais robustas (Francelin, 2018).

Dentro do sistema-mundo, a estrutura epistêmica do mundo moderno é uma dimensão que concretizou as epistemologias hegemônicas que excluem as epistemologias oriundas do Sul global. A Epistemologia surge como uma crítica ao

conhecimento científico e aos métodos de aquisição e assimilação do saber, investigando suas origens e fundamentos, e estabelecendo metodologias para validar e afirmar a verdade científica (Zandonade, 2000; Rabello, 2012). A Epistemologia se apresenta como um campo de estudo dedicado à análise das diversas dimensões do conhecimento humano, abrangendo suas possibilidades, origens, natureza e extensão, tendo como objetivo investigar as condições e os critérios que conferem legitimidade e veracidade ao conhecimento, especialmente no contexto conceitual ocidental, onde se define o conhecimento científico. Ela busca adentrar nas complexidades do conhecimento para compreender tanto suas bases fundamentais quanto os mecanismos pelos quais o conhecimento é validado e legitimado como uma forma autêntica e confiável de saber (González de Gómez, 2001). Em essência, a Epistemologia explora como o conhecimento é estruturado, avaliado e legitimado, promovendo uma compreensão mais profunda dos fundamentos e critérios que sustentam o que é considerado conhecimento verdadeiro e válido.

Entendemos que a OC atua como um campo de amplo debate, onde é possível fomentar diálogos e reflexões que resultem em metodologias enriquecedoras para essa área. Além de se preocupar com os processos de organização, a OC busca refletir sobre o conhecimento que emerge das dinâmicas das comunidades (Farias; Almeida, 2014). Nesse contexto, o foco se amplia para desenvolver abordagens que levem em conta não apenas a estruturação e classificação da informação, mas também a compreensão dos contextos sociais, culturais e colaborativos que influenciam a produção e disseminação do conhecimento.

A OC é vista como uma atividade operacional (Garcia; Oliveira; Luz, 2000; Green, 2002; García-Gutiérrez, 2002) focada na construção de sistemas de organização do conhecimento (Kent, 2002; Green, 2002; Zhrebchevsky, 2010; Souza; Tudhope; Almeida, 2010). Dessa forma, Rodrigo de Sales (2017) destaca que essa perspectiva

instrumental, que insere a OC no âmbito da Ciência da Informação, é particularmente forte nos estudos do GT 2 da ANCIB. No entanto, o autor também destaca uma outra forma de compreender a OC, que é mais prevalente nos estudos da *International Society for Knowledge Organization (ISKO)*, onde a OC é frequentemente considerada um campo de estudo autônomo, que se teria emancipado da Ciência da Informação.

É com base nessa visão integradora que buscamos analisar a OC, considerando tanto as questões instrumentais quanto as epistemológicas para compreender as perspectivas decoloniais, as reflexões contra-hegemônicas e as análises das opressões e invisibilidades já presentes nas pesquisas em OC. Dessa forma, acreditamos que é possível observar como a OC contribui para uma abordagem teórico-crítica e decolonizadora do conhecimento.

Reconhecemos a decolonialidade como uma corrente de pensamento que se posiciona em oposição às visões hegemônicas tradicionais de produção de conhecimento. Essa abordagem é caracterizada por uma crítica profunda que busca, com respeito e rigor, confrontar o legado histórico da colonização do saber. Nesse processo, a decolonialidade desafia as estruturas de poder e os sistemas que sustentam a colonização e a opressão em suas múltiplas formas e manifestações. Nesse panorama, voltamos nosso olhar para as publicações do GT 2, com o objetivo de identificar e entender como a temática da decolonização tem sido explorada em um dos principais fóruns acadêmicos nacionais. Para que essa análise fosse possível, tornou-se necessário o desenvolvimento de uma proposta de escala de decolonialidade, que será detalhada na seção seguinte.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A análise realizada teve como *corpus* as publicações do Grupo de Trabalho 2 - Organização e Representação do Conhecimento, abrangendo o período de 2012 a

2022, que corresponde às edições do XIII ao XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB). Essas publicações foram acessadas nos sites de cada edição do ENANCIB e no repositório BENANCIB. No total, foram identificados 443 trabalhos, organizados em uma planilha eletrônica contendo informações como a edição do evento, ano de publicação, título, autoria, resumo, palavras-chave e link de acesso. Para identificar as publicações que adotaram uma perspectiva decolonial, foi realizada a leitura completa dos textos, com atenção especial à maneira como os autores abordaram a temática da decolonização na Organização do Conhecimento.

Na primeira etapa do estudo, as publicações foram categorizadas de acordo com as abordagens estabelecidas por Garcez e Sales (2021, 2022). Essas abordagens incluem:

- a) discussões sobre opressões, sub-representações e relações de poder e dominação contra populações marginalizadas, como africanas, ameríndias, mulheres, LGBTQIAPN+, entre outras. Essas discussões analisam como o pensamento colonial, particularmente em sociedades de Abya Yala, perpetua exclusões e violências, como o racismo, a supremacia racial, a branquitude, a meritocracia, o sexismo, o patriarcado, a LGBTQIA+fobia, e outras formas de opressão (Munanga, 1996; Bento, 2002; Carneiro, 2011; Silva; Garcez; Fevrier; Alves, 2022). Produções científicas que promovem uma reflexão crítica sobre essas questões e que confrontam as dinâmicas opressivas através da subversão da lógica colonial são consideradas decoloniais;
- b) discussões sobre a produção de conhecimentos de populações do Norte Global que, apesar de estarem geograficamente privilegiadas, encontram-se à margem das sociedades a que pertencem. Essa abordagem defende que as produções científicas de povos marginalizados, como latinos, indígenas, afros, asiáticos, que enfrentam opressões coloniais na Europa e na América do Norte, são decoloniais

- quando desafiam as lógicas coloniais na OC, ao incluir as visões desses povos e promover um diálogo crítico sobre os fundamentos filosóficos que estruturam a OC (Garcez; Sales, 2021);
- c) reflexões críticas à colonialidade e propostas de decolonialidade como alternativas de enfrentamento. Este critério abrange estudos que utilizam explicitamente termos como “colonialidade”, “decolonialidade”, “descolonialidade”, “pós-colonial”, entre outros, ao criticar ou propor alternativas de giro decolonial, promovendo a conscientização e a promoção de práticas decoloniais na OC (Garcez; Sales, 2021);
- d) relação entre Interculturalidade, Interculturalidade Crítica e OC. Esse critério se refere a pesquisas que utilizam a Interculturalidade como estratégia para confrontar o pensamento hegemônico colonial na OC. A Interculturalidade Crítica desafia as concepções que legitimam a hegemonia epistêmica e o poder do Norte Global, valorizando a diversidade epistêmica e a pluralidade cultural e linguística na produção científica. Esse conceito, que surge das comunidades tradicionais e depois é incorporado ao meio acadêmico, é visto como estratégico, político e insurgente (Garcez; Sales, 2021).

Essa análise, realizada de forma criteriosa, possibilitou mapear e entender em maior profundidade como a perspectiva decolonial tem sido abordada nas publicações do GT 2, destacando a contribuição desses estudos para uma OC mais crítica e decolonial.

Na segunda fase da análise, foi realizado um recorte das publicações dos autores que apresentaram o maior número de trabalhos considerados decoloniais na primeira etapa. Essas publicações foram então avaliadas utilizando a Escala de Decolonialidade para Estudos em Organização do Conhecimento (EDEOC), elaborada pelos autores

desta pesquisa. A EDEOC foi desenvolvida com base nas escalas de Nadal (2014), Sue *et al.* (2007), Sue (2010), Garcez e Sales (2021, 2022), e Silva *et al.* (2023).

Conceitualmente, a EDEOC é uma ferramenta teórico-aplicada projetada para avaliar e mensurar a representatividade epistêmica em: i) estudos e recursos informacionais; ii) instrumentos e conceitos citados e utilizados em tais estudos; iii) abordagens críticas relacionadas a estudos decoloniais, pós-coloniais e anticoloniais; e iv) a incorporação da diversidade epistêmica, cultural e linguística de diferentes povos em estudos classificados como decoloniais na OC.

Além das contribuições de Garcez e Sales (2021, 2022), a EDEOC foi projetada para avaliar itens que abordam as interseccionalidades entre opressões epistêmicas e sociais. Para isso, foram consultadas escalas de microagressões oriundas dos campos da Biblioteconomia, Psicologia e Psiquiatria, incluindo: a *Racial Microaggressions Scale* desenvolvida por Derald Wing Sue e colegas, a *The Racial Microaggressions Scale* (RMAS) criada por Susan R. Torres-Harding, Andrade Junior e Romero Diaz (2012), a *Gender Microaggressions Scale for Women* (GMAS) elaborada por Christina M. Capodilupo e Gina Torino (2017), e a Escala de Microagressões Raciais na Biblioteconomia desenvolvida por Franciéle Carneiro Garcês da Silva *et al.* (2023). Observa-se que a primeira e a última escalas pertencem à Biblioteconomia e Ciência da Informação, enquanto as demais são originárias da Psicologia e da Psiquiatria. Dado que não existiam instrumentos similares específicos para a Organização do Conhecimento, foi desenvolvida a EDEOC, que permitiu a avaliação e mensuração das opressões e suas interseccionalidades nas publicações do GT 2.

A EDEOC é composta por 65 itens divididos em quatro categorias:

- a) representatividade teórica – com 27 itens que avaliam a representatividade epistêmica decolonial na produção científica, considerando a presença de autorias de diversos grupos sociais e interseccionalidades;

- b) instrumentos e conceitos – contendo 10 itens que analisam o uso de instrumentos e conceitos de grupos hegemônicos e não hegemônicos;
- c) crítica e Decolonialidade – com 8 itens que examinam a abordagem decolonial crítica dos estudos, incluindo o uso de termos relacionados à decolonialidade e a evidência de saberes e contranarrativas;
- d) episteme, cultura e língua – englobando 20 itens que focam na Interculturalidade crítica, diversidade epistêmica e cultural, e aspectos linguísticos.

Dessa forma, para a aplicação da EDEOC, e após a eliminação das duplicidades, um total de 18 artigos compuseram o conjunto dessa análise. Cada publicação foi submetida à EDEOC por meio da leitura minuciosa de seus artigos, seguida pelo ranqueamento dos itens em cada categoria. Abaixo, é apresentada no Quadro 1 a aplicação efetiva da EDEOC conforme as categorias, onde são sumarizados os ranques (valores acumulados de pontuação) por categoria:

**Quadro 1 - Aplicação prática da Escala de Decolonialidade para Estudos em Organização do Conhecimento – EDEOC**

Escala de Decolonialidade para estudos em Organização do Conhecimento - EDEOC	Artigos																	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18
REPRESENTATIVIDADE TEORICA	90	158	66	20	44	31	102	37	0	29	47	58	87	81	79	71	27	25
INSTRUMENTOS E CONCEITOS	6	26	3	3	8	3	33	3	3	8	8	13	5	15	16	8	10	13
CRÍTICA E DECOLONIALIDADE	30	50	10	-30	-30	-30	50	30	-10	58	-10	50	50	20	50	10	10	50
EPISTEME, CULTURA E LÍNGUA	40	20	90	-50	-50	-50	-20	-20	-30	0	10	20	-30	-10	40	30	-40	20

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Posteriormente, os resultados da Escala foram representados em gráficos, proporcionando uma visualização mais objetiva e compreensível para a análise.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeiramente, analisamos como cada trabalho publicado, recuperado para estudo, se alinhava com pelo menos uma das quatro abordagens pré-estabelecidas

descritas anteriormente. Dessa análise, constatou-se que apenas 42 publicações atendiam a esses critérios. Dessas, 22 se encaixaram na categoria “A”, que abrange discussões sobre opressões, sub-representações e relações de poder e dominação contra populações marginalizadas, como africanas, ameríndias, mulheres e LGBTQIAPN+. Apenas um trabalho foi classificado na categoria “B”, que trata das produções de conhecimento de populações geograficamente privilegiadas (norte global), mas marginalizadas em suas próprias sociedades. Quatro trabalhos foram identificados na categoria “C”, que envolve a reflexão crítica sobre a colonialidade e a proposta de decolonialidade como alternativa. Por fim, 15 publicações foram alocadas na categoria “D”, que se refere à relação entre Interculturalidade, Interculturalidade Crítica e OC.

Sobre a distribuição dos trabalhos ao longo dos anos em que foram incorporados marcadores decoloniais, observamos o seguinte: em 2017 e 2021, foram identificadas oito publicações em cada ano. Em 2019 e 2022, encontramos cinco publicações por ano. Os anos de 2013 e 2015 registraram quatro publicações cada, enquanto 2014 e 2018 tiveram três publicações cada. O ano de 2016 contou com duas publicações voltadas para esse viés. Esses dados oferecem uma visão sobre a evolução e a distribuição dos estudos com enfoque decolonial ao longo dos anos no GT 2, revelando variações no volume de trabalhos voltados para o enfrentamento das violências colonizadoras.

No que se refere às autorias e coautorias engajadas em pesquisas e reflexões críticas e decoloniais na OC, identificamos 61 pesquisadores que, por meio de suas investigações, têm promovido a pluralidade dos saberes e enfrentado a histórica colonização do conhecimento. Para destacar os principais contribuintes para o movimento decolonizador na OC, apresentamos no Quadro 2 o ranking das 16 autorias

que alcançaram o critério de ter pelo menos duas publicações incluídas neste estudo e categorizadas nas quatro abordagens mencionadas.

**Quadro 2 - Ranking de autorias decoloniais por publicações, considerando autoria e coautoria**

	Autorias	Qtd. de publicações
1º	Carlos Cândido de Almeida	6
2º	Gustavo Silva Saldanha	5
3º	Dirnéle Carneiro Garcez	4
4º	Graziela dos Santos Lima	4
5º	Miriam Gontijo Moraes	4
6º	Franciéle Carneiro Garcês da Silva	3
7º	Linair Maria Campos	3
8º	Rodrigo de Sales	3
9º	Andrea Carla Melo Marinho	2
10º	Camila Monteiro de Barros	2
11º	Fabio Assis Pinho	2
12º	Francisco Arrais Nascimento	2
13º	Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda	2
14º	Nathália Lima Romeiro	2
15º	Nina G. S. Barcellos D'Almeida	2
16º	Tatiana de Almeida	2

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Para avaliar os aspectos que definem um estudo como decolonial, foi utilizada a Escala de Decolonialidade para Estudos em Organização do Conhecimento (EDEOC), conforme descrito nos métodos anteriores. A EDEOC possui uma pontuação que varia de -100 a 100, representada no eixo X da Figura 1.

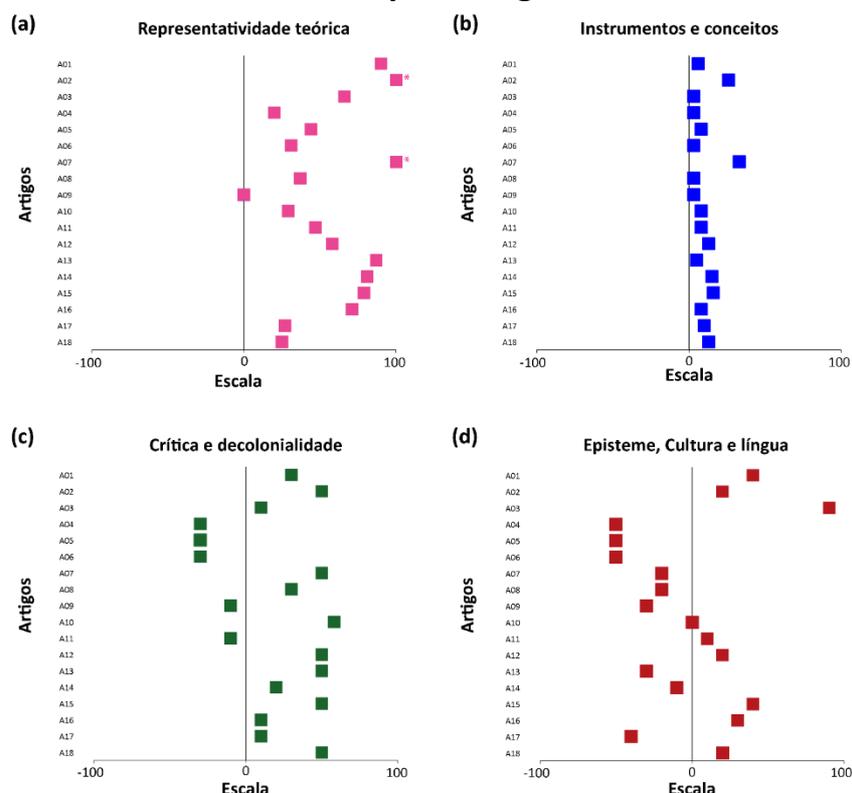
Os artigos analisados estão dispostos no eixo Y, de A1 a A18, com os ranques indicados por símbolos quadrados. Foi incluída uma linha vertical no valor zero da EDEOC para facilitar a distinção entre ranques positivos e negativos.

Na categoria “*Representatividade teórica*” (Figura 1a), os artigos mais relevantes foram o A2, com 158 pontos, seguido pelo A7 com 102 pontos, e o A1 com 90 pontos. Esses artigos se destacaram principalmente pelo item 12 da EDEOC, que avalia a presença de autorias latino-americanas como base teórica em suas produções.

Na categoria “*Instrumentos e conceitos*” (Figura 1b), o artigo A7 obteve 33 pontos, o A2 26 pontos, e o A14 15 pontos na EDEOC. O item 29, que se refere a estudos sobre instrumentos e/ou conceitos criados por mulheres norte-americanas de grupos não-hegemônicos, foi notoriamente pontuado em dois dos artigos mais significativos.

Para a categoria “*Crítica e Decolonialidade*” (Figura 1c), o artigo A10 obteve 58 pontos, enquanto os artigos A2, A7, A12, A13, A15 e A18 alcançaram 50 pontos cada. Nesta categoria, cinco artigos apresentaram resultados negativos em Decolonialidade. Isso sugere que, embora esses estudos sejam decoloniais, nem sempre abordam elementos críticos relativos a contra-narrativas decoloniais de grupos não-hegemônicos.

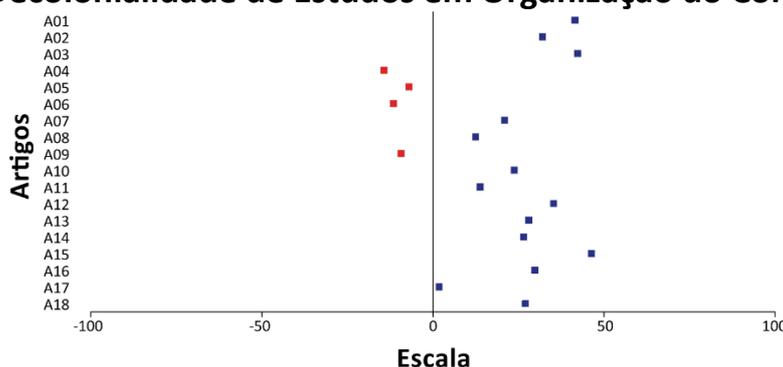
**Figura 1 - Escala de Decolonialidade de Estudos em Organização do Conhecimento, dividida por categorias**



**Fonte:** Elaborado pelas autorias (2024). Legenda: A01-A18: se refere a cada Artigo analisado. Legenda: Atribuímos as nomenclaturas de A1 a A18, para identificar o Artigo 1, Artigo 2, Artigo 3 e, assim, sucessivamente. \*Apresentaram pontuação maior que 100 pelo número de referências citadas no artigo. A Escala possui pontuação máxima de 100 e mínima de -100.

Na categoria “*Episteme, cultura e língua*” (Figura 1d), o artigo A3 destacou-se com 90 pontos, por abordar a diversidade cultural e epistêmica e a conexão entre diferentes culturas e povos, como indígenas e africanos, além de valorizar a cultura regional brasileira e aspectos linguísticos. Os artigos A1 e A15, com 40 pontos cada, também apresentaram uma abordagem significativa da diversidade epistêmica e cultural indígena e africana. Assim como na categoria anterior, nove artigos mostraram resultados negativos em Decolonialidade, indicando uma lacuna nas produções no que diz respeito ao reconhecimento das diversidades epistêmicas, culturais e linguísticas e à adoção da interculturalidade nos estudos apresentados no ENANCIB.

**Figura 2 - Pontuação média de cada artigo considerando as quatro categorias da Escala de Decolonialidade de Estudos em Organização do Conhecimento**



Fonte: Elaborado pelas autorias (2024).

Para identificar os artigos mais significativos nas quatro categorias da EDEOC, foi calculada a média dos pontos para cada estudo (Figura 2). A média permitiu concluir que o artigo A15, intitulado “Tensão identitária e organização do conhecimento: olhar epistemográfico”, com uma média de 46,3, se destaca como o mais alinhado com o conceito de Decolonialidade Crítica. Isso se deve ao seu equilíbrio entre os elementos decoloniais avaliados pela Escala. Outro estudo relevante é o A3, com média de 42,3 e título “Semiótica da cultura e abordagens socioculturais: possíveis diálogos”. Este estudo também demonstra um bom equilíbrio em vários aspectos decoloniais, embora

seja focado na análise de um instrumento ou conceito criado por um homem europeu de grupo hegemônico. O A1, intitulado “A representação do negro nos Sistemas de Organização do Conhecimento no Brasil”, com média de 41,5, também apresentou um bom equilíbrio, mas apresentou limitações na categoria de instrumentos e conceitos, ao abordar instrumentos criados por homens brancos de grupos hegemônicos do norte global.

No entanto, observou-se que alguns estudos decoloniais ainda têm lacunas significativas, especialmente em relação à Decolonialidade Crítica. Os estudos A4, A6, A9 e A5 apresentaram médias negativas de -14,3, -11,5, -9,3 e -7, respectivamente (os pontos mais à esquerda na Figura 2). Esses resultados revelam uma defasagem nos estudos decoloniais, mesmo quando utilizam terminologias decoloniais ou discutem grupos subalternos. A falta de diversidade epistêmica, cultural, linguística e filosófica de povos não-hegemônicos e do sul global contribui para uma decolonialidade reduzida ou acrítica nesses estudos, comparados com aqueles com médias mais altas.

Apesar dos avanços em direção a uma Decolonialidade Crítica na Organização do Conhecimento, nenhum estudo alcançou uma média próxima de 100 pontos. É encorajado que se explorem teorias e perspectivas oriundas do sul global, bem como a incorporação de suas abordagens, teorias e visões de mundo na Organização do Conhecimento.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo, nosso objetivo foi investigar como os marcadores decoloniais estão sendo incorporados e aplicados pelos pesquisadores do Grupo de Trabalho 2 (GT 2) - Organização e Representação do Conhecimento. Ao analisar as publicações sobre abordagens decoloniais, constatamos que a maioria das pesquisas se concentram em temáticas relacionadas à opressão, sub-representação e às relações de poder e

dominação enfrentadas por populações marginalizadas, em conformidade com a primeira abordagem estabelecida. Essas pesquisas ofereciam reflexões críticas que conectavam diferentes formas de opressão e elementos de colonialidade, desafiando as dinâmicas opressivas ao subverter a lógica colonial. A abordagem decolonial, que inclui a interculturalidade, também se destacou, sendo usada como estratégia para confrontar o pensamento hegemônico colonial nas pesquisas. Contudo, também foi observado a ausência da interculturalidade crítica como uma lente teórica nas pesquisas analisadas, evidenciando essa lacuna nos estudos de Organização do Conhecimento (OC).

Ao aplicar a Escala de Decolonialidade para Estudos em Organização do Conhecimento (EDEOC), observamos que a representatividade teórica foi o critério com a maior pontuação, devido ao uso de autorias latino-americanas nos referenciais. Em contraste, ao analisar a crítica à decolonialidade, verificamos que, apesar de serem estudos decoloniais, eles não apresentam elementos críticos suficientes para alcançar o que denominamos Decolonialidade Crítica. É importante focar em questões de episteme, cultura e língua para valorizar a diversidade cultural e epistêmica, promover a conexão entre diferentes culturas e povos, destacar a cultura regional e adotar aspectos linguísticos e terminológicos de comunidades subalternizadas.

Com base nos resultados obtidos, que nos permitiram mapear e compreender melhor como a perspectiva decolonial tem sido abordada nas publicações do GT 2, evidenciamos o papel crucial que essas pesquisas e seus autores desempenham na promoção de uma OC decolonial. Concluimos que a falta de diversidade epistêmica, cultural, linguística e filosófica de povos não-hegemônicos e do sul global resulta em uma abordagem minimamente decolonial ou acrítica, quando comparada a estudos com maior representatividade. Apesar dos avanços em direção a uma decolonialidade crítica na OC, é necessário incentivar a exploração de teorias provenientes do sul global

e a adoção de suas abordagens, teorias e perspectivas no campo da OC, especialmente no Brasil.

Assim, buscamos promover uma ruptura com o Norte global, não apenas pela ausência ou pouca presença de conceitos, epistemologias e reflexões do contexto hegemônico, mas também através da busca de uma agência epistemológica que se materialize em uma apropriação crítica dos processos coloniais presentes nas sociedades e no campo da Organização do Conhecimento. Entretanto, reconhecemos que essa ruptura ainda está em fase de desenvolvimento e distante de sua plena realização, uma vez que os estudos em OC permanecem amplamente influenciados pelo pensamento hegemônico e eurocêntrico, refletindo uma maior proximidade com a Decolonialidade restrita do que com a Decolonialidade crítica, que é evidenciada pela ausência de representatividade teórica e epistêmica de vozes não-hegemônicas, como negros, indígenas, mulheres e latino-americanos.

## REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida S. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In*: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida S. **Psicologia Social do Racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 25-57.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CAPODILUPO, Christina M.; TORINO, Gina C. Gender microaggressions scale (GMAS) for women: Exploratory and confirmatory factor analyses. **Advances in Psychology Research**, [s.l.], v. 122, p. 81-110, 2017.

DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge organization: a new science? **Knowledge Organization**, [s. l.], v. 33, n. 1, p. 11-19, 2006. Disponível em: <https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0943-7444-2006-1-11.pdf>. Acesso em: 1 out. 2024.

FARIAS, Mona Cleide Quirino da Silva; ALMEIDA, Carlos Cândido de. A semiótica da cultura e abordagens socioculturais: possíveis diálogos. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/185961>. Acesso em: 1 out. 2024.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. Epistemologia da Ciência da Informação: evolução da pesquisa e suas bases referenciais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p.89-103, jul./out. 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/95364>. Acesso: 15 dez. 2020.

FURNER, Jonathan. Dewey deracialized: a critical race-theoretic perspective. **Knowledge Organization**, Baden-Baden, v. 34, n. 3, p. 144-168, 2007. Disponível em: <https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0943-7444-2007-3-144.pdf>. Acesso em: 1 out. 2024.

GARCEZ, Dirnele Carneiro; SALES, Rodrigo. Olhares decoloniais em organização do conhecimento: uma análise das publicações do periódico *Knowledge Organization* (2000-2020). *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 21., 2021, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: IBICT-UFRJ, 2021. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/viewFile/277/173>. Acesso em: 1 out. 2024.

GARCEZ, Dirnele Carneiro; SALES, Rodrigo. Interculturalidade crítica na BCI e na organização do conhecimento: dialética entre Catherine Walsh e Natalia Duque Cardona. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 22., 2022, Porto Alegre. **Anais [...]** Porto Alegre: UFRGS, 2022. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxiiencib/paper/viewFile/1086/770>. Acesso em: 1 out. 2024.

GARCEZ, Dirnele Carneiro; SALES, Rodrigo. Combate às violências colonizadoras na organização do conhecimento: uma análise amparada pela escala de decolonialidade para estudos em organização do conhecimento (EDEOC). *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 23., 2023, Aracaju. **Anais [...]**. Aracaju: UFES, 2023. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxxiiencib/paper/viewFile/1678/1031>. Acesso em: 1 out. 2024.

GÁRCIA-GUTIÉRREZ, Antonio Luis. Knowledge organization from a culture of the border: towards a transcultural ethics of mediation. *In: Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century: integration of knowledge across boundaries: Proceedings [...]. Würzburg: Ergon, 2002. p. 518.*

GARCIA, L. S.; OLIVEIRA, S. M. M.; LUZ, G. M. S. Knowledge organization for query elaboration and support for technical response by the internet. *In: Dynamism and stability in knowledge organization: Proceedings [...]. Würzburg: Ergon. 2000. p. 189.*

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5-18, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/433/243>. Acesso em: 15 mar. 2021.

GREEN, Rebecca. Conceptual universals in knowledge organization and representation. *In: Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century: integration of knowledge across boundaries: Proceedings [...]. Würzburg: Ergon, 2002. p. 15.*

HOWARD, Sara; KNOWLTON, Steven. Browsing through bias: the Library of congress classification and subject headings for African American studies and LGBTQIA studies. **Library Trends**, Illinois, v. 67, n. 1, p. 74-88, 2018. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/pub/1/article/706989/pdf>. Acesso em: 22 maio 2022.

KENT, Robert E. The information flow foundation for conceptual knowledge organization. *In: Dynamism and stability in knowledge organization: Proceedings [...]. Würzburg: Ergon. 2002. p. 111.*

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti. de. A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em Religião na CDD. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. Anais [...]. Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: [https://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/A\\_organizacao\\_do\\_etnoconhecimento.pdf](https://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/A_organizacao_do_etnoconhecimento.pdf). Acesso em: 1 out. 2024.*

MUNANGA, Kabengele. **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo: Estação Ciência, 1996.

NADAL, Kevin L. A guide to responding to microaggressions. **Cuny Forum**, [s.l.], v. 2, p. 1, p. 71-76, 2014. Disponível em: <https://ncwwidms.org/resourcemenue/resource-library/inclusivity-racial-equity/cultural-responsiveness/1532-a-guide-to-responding-to-microaggressions/file>. Acesso em: 1 out. 2024.

OLSON, Hope A. The Power to Name: representation in Library Catalogs. **Signs**, Chicago, v. 26, n. 3, p. 639-668, 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3175535>. Acesso em: 1 out. 2024.

OLSON, Hope A. The ubiquitous hierarchy: an army to overcome the threat of a mob. **Library Trends**, Illinois, v. 52, n. 3, p. 604-616, 2004. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/items/1780>. Acesso em: 1 out. 2024.

PINHO, Fabio A. **Aspectos éticos em representação do conhecimento em temáticas relativas à homossexualidade masculina**: uma análise da precisão em linguagens de indexação brasileiras. 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2010. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/pinho\\_fa\\_do\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/pinho_fa_do_mar.pdf). Acesso em: 1 out. 2024.

RABELLO, Rodrigo. A Ciência da Informação como objeto: epistemologias como lugares de encontro. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 2-36, jan./mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/vM5Q5Rg5P8ZpPfqm6HnfWgj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 out. 2024.

SALES, Rodrigo de. Diferentes perspectivas nos contextos do GT2 da Ancib e da Isko-Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017. **Anais [...]** Marília: UNESP, 2017. Disponível em: [http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII\\_ENANCIB/ENANCIB/paper/viewFile/64/1135](http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII_ENANCIB/ENANCIB/paper/viewFile/64/1135). Acesso em: 1 out. 2024.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnele Carneiro; FEVRIER, Priscila Rufino; ALVES, Ana Paula Meneses. Justiça Social e População Negra: um olhar teórico-crítico para Competência em Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 27, p. 129-162, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/40060>. Acesso em: 1 out. 2024.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; ROMEIRO, Nathália Lima; FEVRIER, Priscila Rufino; ALVES, Ana Paula Meneses. Microagressões e trauma racial no ensino bibliotecário: uma análise via Escala de Microagressões Raciais no ensino em Biblioteconomia. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Aracaju. **Anais** [...]. Aracaju: ANCIB, 2023. Disponível em: <https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/viewFile/2089/1257>. Acesso em: 1 out. 2024.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnele Carneiro; SALES, Rodrigo de; SALDANHA, Gustavo Silva. Dorothy Porter Wesley e a Organização do Conhecimento Negro na Coleção Especial Moorland-Spingarn Research Center. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 1-23, nov. 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5780>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnele Carneiro; VIEIRA, Gabriel de Melo; FEVRIER, Priscila Rufino; ROMEIRO, Nathália Lima; ALVES, Ana Paula Meneses. Microagressões raciais, poder e privilégio nas bibliotecas: uma análise dos discursos no *The Microaggressions Project* e *Microaggressions in Librarianship*. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 9, n. 2, p. 27-54, 9 jan. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/983>. Acesso em: 1 out. 2024.

SOUZA, Renato Rocha; TUDHOPE, Douglas; ALMEIDA, M. Barcellos. The KOS spectra: a tentative faceted typology of knowledge organization systems. *In*: **Paradigms and Conceptual Systems in Knowledge Organization**. Proceedings [...] Würzburg: Ergon, 2010, p. 122.

SUE, Derald Wing; CAPODILUPO, Christina M.; TORINO, Gina C.; BUCCERI, Jennifer M.; HOLDER, Aisha M. B.; NADAL, Kevin L.; ESQUILIN, Marta. Racial microaggressions in everyday life: implications for clinical practice. **American Psychologist**, [s. l.], v. 62, n. 4, p. 271-286, may/jun. 2007. Disponível em:

[https://www.cpedv.org/sites/main/files/file-attachments/how\\_to\\_be\\_an\\_effective\\_ally-lessons\\_learned\\_microaggressions.pdf](https://www.cpedv.org/sites/main/files/file-attachments/how_to_be_an_effective_ally-lessons_learned_microaggressions.pdf).  
Acesso em: 1 out. 2024.

SUE, Derald Wing. **Microaggressions and marginality**: manifestation, dynamics, and impact. New Jersey: John Wiley & Sons, 2010.

TORRES-HARDING, Susan; ANDRADE JUNIOR., Alejandro L.; ROMERO DIAZ, Crist E. The Racial Microaggressions Scale (RMAS): A New Scale to Measure Experiences of Racial Microaggressions in People of Color. **Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology**, [s. l.], v. 18, n. 2, 153-164, 2012. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22506818/>. Acesso em: 1 out. 2024.

ZANDONADE, Tarcísio. Epistemologia da ciência da informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 23/24, n. 3, p. 445-448, 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/71684>. Acesso em: 15 mar. 2021.

ZHEREBCHEVSKY, Sergey. Formalism in knowledge organization. *In: Paradigms and conceptual systems in knowledge organization*. Proceedings [...]. Würzburg: Ergon, 2010.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de Doutorado a primeira autora - Código de Financiamento 001.

**Copyright:** Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 



 [tpbci@ancib.org](mailto:tpbci@ancib.org)

 [@anciboficial](https://www.instagram.com/anciboficial)

 [@ancib\\_brasil](https://twitter.com/ancib_brasil)